VIVENTES DOS PANTANAIS E CERRADOS

"LIVING BEINGS" FROM PANTANALS AND CERRADOS

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos[1]

RESUMO: O artigo tem por objetivo formular uma análise crítico-cultural da obra do escritor Hélio Serejo, o regionalista sul-mato-grossense da fronteira Brasil-Paraguai, baseado na recente publicação de *Obras completas de Hélio Serejo* (2008), em nove volumes. Propõe-se uma leitura crítico-comparativa contrastando os mais de sessenta volumes do Autor, visando ao *locus* de enunciação do próprio escritor, simultaneamente à diversidade e riqueza dos *loci* de discursivização entranhados de regionalismos e crioulismos caracterizadores de um "chão" cultural e / ou *ethos* específico, traduzidos numa oralidade que se dá sobre o "chão" de uma região cultural particular, do "local" fronteiriço do escritor. Assim, a partir do *corpus* de análise, busca-se uma apreciação de textos e livros representativos como *Pelas orilhas da fronteira* (1981) –, alguns inéditos como *Fiapos de regionalismos* (2004), emblemático na produção de Hélio Serejo.

Palavras-chave: Hélio Serejo; regional; estudos culturais; microrregiões.

ABSTRACT: The article aims to formulate a critical-cultural analysis of Hélio Serejo's work, the regionalist writer from Mato Grosso do Sul at the border Brazil-Paraguay, based on the recent publication of *Obras completas de Hélio Serejo* (2008) (Hélio Serejo's complete works), in nine volumes. It proposes a critical-comparative reading contrasting the more than sixty works of the Author, seeking the own writer's enunciation *locus*, simultaneously to the diversity and wealth of the of discursivization *loci*, entangled by regionalism and creolism that characterizes a cultural "ground" and / or specific *ethos*, translated in an orality that happens on the "ground" of a particular cultural area, the frontier "place" of the writer. Thus, starting from the analysis *corpus*, it looks for an appreciation of representative texts and books as *Pelas orilhas da fronteira* (1981) (Through the *orilhas* of the border) –, some unpublished ones as *Fiapos de regionalismos* (2004) (Regionalism Shreds), emblematic in Hélio Serejo's production.

Keywords: Hélio Serejo; regional; cultural studies; microrregions.

[1] Professor Associado III; Professor de Literatura Comparada e de Teoria e Crítica Literárias nos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: paulonolasco@uol.com.br.

> "A vida literária (perdoem-me o acacionismo) se constela de influências epocais, algumas vezes impressentidas pelos autores, e não raro pela crítica mais aguda." (CESAR, 1994, p. 51).

Começo com um parêntese. Esta mesa-redonda, sintomaticamente intitulada "Estudos literários / estudos regionais: o universo local ou a localidade universal", é convite à proposta de reflexão acerca de um *locus* de enunciação específico, o regional e / ou local, pressupostos de um título que procuro dele mesmo desentranhar desde já dois aspectos de análise aí implicados: primeiro, o regional e/ou regionalismo na literatura sul-mato-grossense, segundo, uma provocação impregnada de dualismo e separação, que de início procuro afastá-la em função da necessidade crítica, e principalmente de uma orientação teórico-crítica que há tempo nos ensinou a olhar para "além dos binarismos". Entretanto, sem descartar a antiga e repisada abordagem do rótulo "regionalismo", que aqui retomarei sob a perspectiva da literatura regional, sublinharei o caráter de hesitação, ambiguidade e preconceito que se fizeram registrar em torno do assunto, para, na sequência, deter-me no *locus* de enunciação, na literatura enquanto prática cultural e simbólica que em nossa região demonstra-se como um vigoroso substrato daquilo que intitula este artigo, qual seja "viventes dos pantanais e cerrados"[2].

* * *

Convém observar, dentro desta perspectiva, o que Alfredo Bosi, ao analisar a poesia de nosso tempo, contrastando Manoel de Barros com o escritor Guimarães Rosa, procura dar relevo ao lugar ex-cêntrico do nosso poeta sul-mato-grossense, salientado, na poética manoelina, uma defasagem e / ou desvalor poético, assim enfatizando:

> [...] vale ressaltar, pelo contraste, a coerência vigorosa e serena da palavra de Manuel de Barros, nascida em contato com a paisagem e o homem do Pantanal e trabalhada em uma linguagem que lembra, a espaços, a aventura mitopoética de Guimarães Rosa, sem ombrear , é certo, com a sustentada densidade estética do grande narrador. Conhecida de poucos durante longo tempo, a obra de Manoel de Barros só alcançou o êxito que merece depois que sopraram também no mundo acadêmico os ventos da ecologia e da contracultura. (BOSI, 2000, p. 488).

[2] Para que se possa refazer o percurso desta reflexão, remeto para Fischer (2007), Diniz; Coelho (2005), Araújo (2006), Santos (2008) e Santos (2009): "Fronteiras do local: o conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina". Revista de Literatura, História e Memória. v. 5, n. 5, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/issue/view/265/showToc>. Acesso em: 21 jul. 2009.

É ainda oportuno mencionar o fato de que, Guimarães Rosa, ao publicar *Grande sertão: veredas,* hoje talvez a obra mais importante em língua portuguesa, recebera acerbas críticas à época, ao lançá-la em 1956, ouvindo "[...] críticas delirantes, como, por exemplo, aquela que dizia ser seu livro uma mera revivescência do passado regionalista, já encerrado, ou aquela que afirmava ser o *Grande sertão* uma mera curiosidade acadêmica, própria para professores de linguística" (FISCHER, 2007, p. 64). É fato também que *Sagarana*, antológico livro de contos do escritor mineiro, publicado em 1946, trazia, com o relato de "O burrinho pedrês", a gênese matricial da narrativa roseana calcada na recuperação da linguagem do sertão, na oralidade do narrador protagonista, Riobaldo, que narra a partir de uma voz refletora dessa oralidade que é o "resultado de quinhentos anos de oralidade. É totalmente oral e, ao mesmo tempo, totalmente letrado" (MIRANDA, 2006, p. 165). Daí, a pertinência da observação de Fischer (2007), ao ressaltar que o mundo rural e natural se impõe no Brasil, na história das literaturas brasileiras e / ou latino-americanas:

> Salvo o caso de São Paulo, de que a natureza parece mesmo ter sido banida e confinada nos vasos de latas e nada mais, em toda parte o país está mergulhado na natureza, seja a Amazônia, seja o pampa sulino, o sertão ou o Pantanal, seja a lonjura de Corumbá ou mesmo na antiga capital, o Rio de Janeiro, ilha cercada de mato, morro e mar. (FISCHER, 2007, p. 63).

* * *

Em ensaio intitulado "O regionalismo como outro", publicado na Revista *estudos de literatura brasileira contemporânea,* cujo número temático dedica-se a "literatura e resistência", a autora investiga, a partir das concepções de Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel-Pereira, Alfredo Bosi e Antonio Candido, a construção do discurso crítico sobre o regionalismo. E mostra como se desenvolveram os processos de regionalização e nacionalização, no Brasil, desde a passagem do Império para a República, uma vez que a construção desse discurso foi tocada por razões políticas: os conceitos de "nação" e "região" surgem como opositores, na medida em que um aparece ligado à cidade enquanto centro do poder, enquanto a ideia de "região" surge ligada a um "outro" posto em relação ao poder central. Decorre daí a ideia de que a palavra "regionalismo" vem atrelada "com um discurso coberto de preconceito.":

> Falar de regionalismo causa sempre uma estranheza. Estranheza que vem do fato de a palavra regionalismo estar investida de uma carga semântica que, no mais das vezes, remete a nacionalismos baratos e tacanhos. *Grosso modo*, regionalismo é a expressão literária que valoriza a força que se dá a peculiaridades locais, tanto em suas formas particulares de dizer quanto na exploração descritiva de seu lugar geográfico. (ARAÚJO, 2006, p. 112).

Para justificar suas afirmações, a ensaísta revisa a posição dos críticos-historiadores do regionalismo, salientando que, para Afrânio Coutinho, o termo "regionalismo" ou pode ser entendido como a capacidade de as obras de arte terem como pano de fundo um lugar (regional) ou, ainda, o fato de brotarem desse local particular. Enfatiza, inclusive, que a literatura sofre quando os escritores se afastam de suas fontes locais, concluindo com André Gide que, é na particularização que pode ser alcançada a humanidade profunda, e evocando, ao final, um brocado espanhol que diz "El pátio de mi casa es particular; cuando llueve se moja como los demás" (Cf. ARAÚJO, 2006, p. 115). Já para Lúcia Miguel Pereira, o regional é o que se definiria em relação ao nacional; logo, o regionalismo se restringe "[às] obras cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora" (*apud* ARAÙJO, 2006, p. 115), incorporando, neste raciocínio, a visão do colonizador e o que para ele era civilização e barbárie. Disso se extrai que, a literatura regionalista deveria evoluir na medida em que investisse em concepções mais universais, abrindo mão do localismo em busca do cosmopolitismo – nisto a contradição de Miguel-Pereira.

Para Antonio Candido, em "O regionalismo como programa e critério estético", ou, ainda, em "Literatura e cultura: de 1990 a 1945", estaria se produzindo "um regionalismo pobre e romantizado", uma vez que o crítico procura associar o regionalismo com a matriz romântica e seu corolário, o nacionalismo, que significava, segundo o crítico, escrever sobre coisas locais, observando que o regionalismo serviu para classificar obras produzidas fora do Rio de Janeiro (ARAÚJO, 2006, p. 117-119).

Alfredo Bosi, em um primeiro momento, não se distanciaria desta perspectiva que vê no regionalismo um tipo de ficção romântica, como lemos:

> As várias formas de sertanismo (romântico, naturalista, acadêmico e, até, modernista) que têm sulcado nossas letras desde os meados do século passado, nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. Do enxêrto [sic] resulta quase sempre uma prosa híbrida onde não alcançam o ponto de fusão artístico o espelhamento da vida agreste e os modelos ideológicos e estéticos do prosador. (*apud* ARAÚJO, 2006, p.119).

Da perspectiva de Bosi, o regionalismo seria uma literatura menor, que criara romances que nada acrescentariam ao leitor médio; em seu critério de ajuizamento, Bosi salva alguns romances de segunda plana (*Inocência, O sertanejo*, *O gaúcho* e *O guarani*), que se redimiriam "das concessões à peripécia e ao inverossímil pelo fôlego descritivo e pelo êxito na construção de personagens-símbolo" (*apud* ARAÚJO, 2006, p. 120). Mais tarde, em *Literatura e resistência*, o Bosi que afirmara que o regionalismo sobrevivia apenas por uma necessidade escolar, vem a reconhecer, nestas produções,

as possibilidades de representação dos excluídos. Como bem arrazoa a ensaísta, ao final resulta a constatação de que o próprio ato crítico, através das histórias literárias, esteve relacionado com a ideia de hierarquia; o que, convenhamos, não pode mais ser reconhecido, hoje, diante de uma perspectiva teórico-crítica receptiva à "elasticidade e tolerância das fronteiras textuais" (SOUZA, 2007, p. 151). Diante de uma escala de valores, a questão do regionalismo não pode ser resumida nem em termos de região e nação, nem na oposição elite/excluídos; à atividade crítica caberia re-pensar seus próprios termos, ainda que em terreno movediço (cf. ARAÚJO, 2006, p. 123). Tendo esse reconhecimento como foco, a partir do qual os textos poderiam ser melhor verificados com a relativização de rótulos, de chancelas do mercado editorial, e, também, porque há muito tempo, como dizia Julio Cortázar, em ensaio célebre, *nenhuma resenha teórica pode substituir a obra em si* (CORTÁZAR, 1974, p. 148)[3].

* * *

Considerado o "nosso Catulo, o das paixões sul-mato-grossenses", Hélio Serejo dedicou inumeráveis páginas à sua cidade de Ponta Porã/MS, fronteira seca com Pedro Juan Caballero/PY. Nascido em 1º de junho de 1912, na Fazenda São João, no Município de Nioaque, Hélio Serejo faleceu no dia 08 de outubro de 2007, em Campo Grande, aos 95 anos de idade. Cidade predestinada a sua, pois, segundo o abalizado escritor Elpidio Reis, se houvesse um concurso "para saber-se qual a cidade do mundo que mais livros tem sobre si escritos, Ponta Porã – com as obras de Hélio Serejo – ganharia de corpo inteiro!" (LINS, 1996, p. 79). Se em cada uma das regiões do Brasil encontra-se um relato constitutivo e próprio, aqui deparamos com a vasta e formidável narração de um escritor antes de tudo conhecedor dos mais variados estratos da gente, da formação étnica e do povoamento da região sul-mato-grossense. Em tudo e por tudo, a extensa obra de Hélio Serejo, cujas composições literárias são lendas, contos, poesias, narrativas ervateiras e evocações de imagens do sertão, é compêndio dos usos e costumes regionais e principalmente das tradições relacionadas com a atividade ervateira. É do próprio Hélio Serejo a caracterização mais adequada do *locus* de enunciação de sua variada produção de textos e o próprio lugar da cultura na qual se filiou, num emaranhamento resultante no contexto geral de sua prosa poética. Em "Amor pelo crioulismo", relato que abre a coletânea de contos *Contos crioulos*, lê-se no primeiro parágrafo: "Desde meninote fui assim: um enamorado, [...] das paisagens sertanejas, portanto, dos 'mistérios' das coisas charruas. Fui – sem nenhuma dúvida – um trilhador de caminhos, um observador incansável, um perguntador de muito fôlego." (SEREJO, 1998, p. 35). Continua o

[3] A *Cerrados*, Revista do PPG em Literatura da UnB, em seu número temático "Literatura e compromisso social", dedicou a segunda parte da edição a trabalhos reunidos sob o rótulo de "Regional e Universal: Tensões da Representação Literária Periférica", e não causa estranheza constatar, ali, marcas da ambiguidade, indecidibilidade do ato crítico, quando não, algum preconceito ou ainda ideia elitista em relação à noção de texto literário, propriamente, ou em relação à produção do "regionalismo" *per se*.

narrador, falando da intensidade com que sorveu todos os momentos formadores de um "crioulismo embriagador":

> Sorvi, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômoros, os brejos infindáveis, as croas, o vargeado de moitas clorofiladas, os pára-tudos chamadores de raios, a solitária lagoa de água azulada, os trilheiros dos bichos-do mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos alagadiços, a algazarra ruidosa das 'baitacas' na roça de milho, as 'canhadas' onde as aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desgalhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarada, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da quebra d'água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. (SEREJO, 1998, p.35).

Também o relato "Das coisas crioulas" é emblemático, principalmente pela fixação do crioulismo e das experiências no mundo bruto da erva-mate, onde o crioulismo "impera, não só na vivência diuturna, mas também no falar, nas brejeiradas, nas manifestações de alegria, nas festanças e nas caminhadas exploradoras.", pois que o crioulismo se manifesta em toda a labuta do ervateiro:

> O velho pilão, o catre mal trançado, o arreio cacareco, o gamelão, o maroto chapéu carandá, o poncho descolorido, soltando fiapos, a forma de rapadura, o ferro de brasa para passar roupa, a mariquinha, corote, o panelão de ferro desbeiçado, o porongo guardador de água, a caneca de latão, o resto de cobertor para se defender do frio, o sapatão de couro de anta e centenas de outros pertences são marcas indestrutíveis do crioulismo. (SEREJO, 1998, p. 145).

A presença do autor como narrador e/ou personagem é uma constante nos relatos de Hélio Serejo. Em muitos deles é a figura do próprio pai do escritor – o furador de sertão Don Chico Serejo –, que, em companhia de Hélio Serejo tornam-se desbravadores e criadores dos "Ranchos", espécie de parada, morada que abrigava o ervateiro, frequentemente assentados em lugares tão ermos que eram batizados de "divisas com o inferno", pois situados em região de dificílimo acesso onde a maleita não perdoava nenhum vivente. Atravessando as lonjuras da linha fronteiriça e só conhecendo uma estrada boiadeira, por ali chegavam levas guaranis, paraguaios que sofriam, derramando o seu suor no *mundo bruto e selvagem da erva-mate*, trazendo *para os ervais da região sulina mato-grossense, muitas criaturas excêntricas, algumas de hábitos verdadeiramente anormais, e até denotadoras de demência* – como relata em "Tipos excêntricos dos ervais". Tipos pertencentes a um mundo de amarguras, misérias e desgraças, como a personagem Zico do conto homônimo, dono de uma filosofia crioula, que Serejo assim caracterizou: *frangalho humano, açoitado rudemente pelo vento de todos os infortúnios, caladão e envelhecido, descrente e amargurado*; e ainda como as personagens Palmira e seu filho, no relato de "O conto", que tinham uma expressão de horror na face bexigosa e desenhados, nos próprios gestos vagos, o infortúnio e a dor.

Tipos que concorrem e resultam da paisagem aberta, vazia e distante, formadora do variegado cipoal dos ervais.

Provêm desse universo as lendas da erva-mate e do urutau, que ao lado da história da gente mato-grossense formam um fabuloso registro folclórico e de glossários, de que os "contos crioulos" denotam a capacidade inventiva do escritor na recriação da linguagem:

> Dia e noite, noite e dia, eu me irrito e xingo, vendo esses pingos, pingo a pingo, caírem na calçada lamacenta. Pinga, pingando, vai o chuvisco pingando, tamborilando no zinco, parece até que dizendo: um pingo, outro pingo: um pingo, outro pingo. E nesse pingar, de pingos pingalhados, o homem pingando pensamento, embarafusta-se no tédio e, sem ser pinguço, pensa na pinga. Pinga esquenta, encoraja, e traz pingo a pingo, pingaços de lembranças ao coração!. (SEREJO, 1998, p. 31)

Ademais, em toda a coletânea de *Contos crioulos* registram-se alusões e referências mil à *virtude de permanecer entontecido com os amanheceres e a magia do sol-se-pondo*. Seja no famoso "Discurso de posse" à Academia Sul-mato-grossense de Letras, seja em "Paisagem de erval", ou ainda em "Paisagem sertaneja", vamos encontrar o *continuum* significativo da escrita e da temática de Hélio Serejo, que ele deixaria consagrado na seguinte passagem de "Paisagem sertaneja":

> Dentro de mim, como bênção do Senhor, viverá para todo o sempre a fulgurante e evocadora paisagem sertaneja, formada pelo entardecer, raiar festivo das madrugadas, aboio comovedor do vaqueiro, tropel de xucros, fogo dos pousos, silêncio aterrador da tarde escaldante, vento sulão soprando desabridamente pelos campos e varjões, rechinar de carretas, cantiga de andariego, tropilha em marcha cadenciada, marcação, pega, roça granando, colheita, soca de monjolo, estralidar de galhos na tormenta, enxurrada, cantar melodioso do sabiaúna, vôo de seriema, cargueiros, fogo de galpão, queimada de roça, armadilha de caça sinuelo, junta de coice, pastorejo, festa de marcação, pega de baguais, floração campesina, redemunho de outubro, filigranas de luar, brilho das estrelas, vento bandoleiro balançando as folhas das árvores, o azul do céu imenso e cantaria de pouso ao anoitecer. [...]. Desejo, sinceramente, morrer como um xucro, com os olhos embaciados, voltados para essa paisagem. (SEREJO, 2008, p. 170-171).

Como autor de *Surrão crioulo* – uma coleção de cinco livros –, que levava em seu próprio surrão (embornal), Serejo formatou a tradução da vivência de um povo, tornando-se ele mesmo uma espécie de mimetismo da cultura fronteiriça deste extremo Oeste do Brasil Meridional. Sua obra constitui manifestação literária das mais importantes da região, e a que de forma mais completa se voltou para o registro da história e da vida na fronteira Brasil-Paraguai. Com longa história de vida dedicada

à observação da cultura regional, a obra do escritor é imenso painel de análise de aspectos tão múltiplos quanto originais na abordagem das questões linguísticas, literárias e culturais a partir da convivência com os ervateiros, à época gloriosa da extração da erva-mate. Alguns dos títulos do autor, *Os heróis da erva* (1987), *Vivência ervateira* (1991), *No mundo bruto da erva-mate* (1991), *Fiapos de regionalismo* (2004), *Pelas orilhas da fronteira* (1981), entre outros, hoje raros em edição original, ilustram a formação da região ervateira. Sua obra dá conta e constitui, por si só, o registro de uma das regiões culturais mais singulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa "hinterlândia" inóspita. Retrato de um período de grande empreendedorismo que reuniu a região fronteiriça do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina. A partir deste lugar, a obra de Serejo realiza a tradução mais extensiva e completa de um mundo e de práticas culturais e de exploração socioeconômica que seriam substrato ao registro de denúncias encontráveis nas obras do paraguaio Augusto Roa Bastos, autor do ilustrativo *Hijo de hombre*. Denúncia que Cecília Zokner, em ensaio pungente, "*Mensu*: história e ficção", recusou-se a aceitá-la como simples realidade ficcional, pois, ao deparar com a palavra *mensu,* sentira-se constrangida diante do significado dessa palavra que mais tarde encontraria na obra *Obrageros, mensus e colonos* – no sistema das obrages constituindo o espaço do livro de Roa Bastos estava "la ciudadela de un país imaginário, amurallado por las grandes selvas del Alto Paraná: 'os ervais de Takurú-Pukú'" (ROA BASTOS, 1967, p. 281, *apud* ZOKNER, 1991, p.103). Assim, a denúncia era sobre o destino do *mensu,* sobre o seu trabalho escravo na mata subtropical em território argentino e paraguaio na extração da erva-mate e da madeira. *Mensu* designava, portanto, o peão que chegava ao Brasil para trabalhar nas obragens, ou seja, nas lidas da erva-mate e das matas brasileiras, um ser de identidade perdida, subterraneamente sem remissão:

> Um caminho que é no entanto, sem volta, porque nas cidades onde se realizava o conchavo existia , ainda, alguma lei, algum simulacro de autoridade; porém, apenas embarcados, ficavam à mercê dos *obrageros* e de seus capatazes. 'Logo que embarcavam para o Alto Paraná, os paraguaios, já de início, começavam a sentir os efeitos do domínio de uma obrage'. Assim, uma das primeiras agressões a que estavam sujeitos era a de serem desarmados, sendo surrados, já na viagem, aqueles que por esta ou por aquela outra razão protestassem. 'Mas já não tinha jeito, o vapor não voltava mais'. [...]. Nos ervais de Takarú-Pukú os mensus chegavam amontoados numa chata ou caminhando cinquenta léguas por meio do mato, onde iam ficando os mortos de doença, de picada de cobra. Ou, os mortos pelos tiros de capatazes. (ZOKNER, 1991, p.104-105).

Sob esta perspectiva, narrando a partir das orilhas da fronteira e testemunhando toda a gesta ervateira, Hélio Serejo trouxe, através de sua volumosa obra, vida e memória a esta microrregião do ciclo da erva-mate. Se em "Boicará" o folclorista

genial dá vida a um boi que nasceu nas "orilhas" da fronteira, criando assim a lenda do boi fronteiriço, "Boicará fronteiriço ainda anda por ai, varando os campos, os cerrados e os atoleiros. Carrega na barriga, no pescoço, na testa e nos quartos, aquelas manchas brancas pequeninas que, dizem, são as estrrelas que patrulham as fronteiras" (SEREJO, 2008, p. 170-171), em "Tereré", ao evocar a convivência no erval, ele narra a história e os ritos envolvidos na prática comunitária em torno da roda de tereré:

> Disseram já, e é verdade, que **o tereré, refrescante, é o abraço de quatro nações: Paraguai, o grande líder no uso, Uruguai, Argentina e Brasil.** Afirmativa sem contestación. Esta bebida crioja, em qualquer um desses pagos, significa emotivamente: descanso, hora de meditação, amizade, troça, parceria para o trabalho, alegria e, algumas vezes... troca de ideia para a fuga temerária. (SEREJO, 2008, p. 197; grifo nosso).

Assim, o "tereré" como a língua guarani destacam-se na prosa do escritor, principalmente na obra *Fiapos de regionalismos,* sobre a qual nos deteremos, sobretudo pelo seu ineditismo, pois que só hoje publicada em *Obras completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008, p.171-246). O livro, inédito, revela talvez o ponto mais alto da prosa serejiana; a partir do título o leitor depara a matriz poética de um regionalismo bem formatado na região de fronteira entre Brasil e Paraguai. Já no início, o relato de "Peão paraguaio" prolonga magistralmente o *topos* referido da língua guarani e sua amplidão a batizar com nomes a topografia e as "denominações dos acidentes geofísicos da República do Paraguai, parte da República Argentina e da República Federativa do Brasil" e revelando-se como sendo "a alma de uma geração insubstituível, é a própria natureza da América Latina". Na realidade, este relato traduz uma originalidade perspicaz, cuja ideia é nuclear quando se considera a capacidade plástica de um narrador não somente sensível, mas acima de tudo consciente do caráter representativo, simbólico, da linguagem para a caracterização de sua região, do regionalismo que se tematiza na obra como um todo:

> As historicidades manifestadas por esta língua continuam sendo as mesmas de antes. As descrições tecidas pelas suas construções idiomáticas continuam sendo as mais encantadoras narrações. Nesta língua encontramos ideias onomatopaicas, acentos melódicos dos pássaros, das árvores, dos animais silvestres, das cascatas, dos mansos córregos, dos majestosos rios, dos campos floridos, o sibilar dos ventos, o barulho ensurdecedor das tormentas, a magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza. (SEREJO, 2008, p. 178).

Ainda em *Fiapos de regionalismos,* noutro pequeno texto que vale a sua reprodução inteira, Hélio Serejo assim tece o relato de "Chuva fronteiriça":

> Tenho amor... amor grande pela chuva fronteiriça da minha terra. Chuva que cai devagarzinho que nem dá para assustar a pombinha-rola que caminha, aqui e ali, procurando o farnel que a chuvinha sossegada espantou do esconderijo

> para buscar o trilheiro dos bichos. A chuvinha fronteiriça rega a terra para que a semente da esperança brote e cresça livremente, produzindo fartura, fartura que traz alegrias e põe brilho de fé nos olhos do vivente... vivente que, de mãos postas, agradece a Deus, porque a chuva criadora choveu na hora certa, por vontade do Pai Eterno, que vela sempre pelo seus filhos amados. (SEREJO, 2008, p. 242-243).

Um outro texto, digno de destaque, é "Apresentação" que, assim intitulado, abre a obra em análise, projetando-a no universo do discurso sobre o regionalismo sul-mato-grossense e marcando o registro peculiar dessas narrativas, ao recobrir como um todo o mesmo livro *Fiapos de regionalismos,* que hora abordamos:

> Este livrote pode servir aos estudiosos do gênero em alguma coisa. O autor acredita que assim venha a acontecer. A realidade está nele espelhada. É vivência nua e crua. Não há enfeites bombásticos, nem imagens literárias para impressionar o leitor. Homens entendidos das coisas do mundo da erva-mate e do idioma guarani manusearam os originais. Incentivaram de maneira franca o despretensioso escritor dos ervais. Daí a publicação. (SEREJO, 2008, p. 177).

* * *

Amplificando a caracterização do nosso personagem do erval, transmutado em autor-narrador, figurativização da voz serejiana, há que retomar a perspectiva dos *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, cujo herói, Jango Jorge, é descrito como o gaúcho que "tinha vindo das guerras do outro tempo; foi um dos que peleou na batalha do Ituzaingó [...]", e é justamente a ele que seu Autor delega uma função indispensável no contexto do vasto pampa em que transcorrem as narrativas dos *Contos gauchescos,* numa ambiência e "fábula do lugar" que se pode transladar como citação de muitas falas do nosso narrador-autor, Hélio Serejo, que, como vimos nos excertos citados, frequentemente vai se mostrar como seguindo os ecos da voz e assim relendo aqueles *Contos*:

> Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar os campos da fronteira: à luz do sol, no desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...; ainda que chovesse reiúnos acolherados ou que ventasse por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada! (LOPES NETO, 1949, *apud* CHAVES, 2006, p. 63).

Devemos ainda chamar a atenção para o processo de colonização no Sul do estado de MS enquanto resultante de uma heterogeneidade cultural, como observa o historiador Jérri Marin. Segundo Marin (2004), esse processo muito decorreu das uniões matrimoniais inter-raciais, cuja mestiçagem torna-se um conceito crítico adequado para a explicação do caldo de cultura, que Lévi-Strauss atribuíra às "tradições

brasileira, paraguaia, boliviana e argentina.", onde os elementos da indumentária eram de uso comum e alternado entre as diversas populações e etnias da região. Ainda, como zona de interculturalidade, de hibridismo cultural, a língua era o elemento agregador que, na realidade, se tornou constitutiva de uma Babel linguística:

> [...] a língua predominante era o guarani, seguida pelo castelhano, tornando a região numa nova "Babel". A língua portuguesa era pouco empregada. De ambos os lados da fronteira, após uma polca alegre, ouviam-se aplausos bilíngues, trilíngues. Nas corridas de cavalo, o juiz de partida gritava a ordem de largada em guarani e repetia logo após em português. (DONATO, 1959, p.161, *apud* MARIN, 2004, p. 329).

De resto, consequentemente, deve-se salientar que a percepção de transnacionalização da região, calcada sobretudo na urbanização das cidades do antigo sul de Mato Grosso do Sul, torna-se aspecto relevante para o que observa o historiador de *Nas águas do prata* (2009):

> O movimento de populações no Cone Sul era uma via de mão dupla. Da mesma forma que paraguaios desciam o rio para trabalhar na Argentina e no Uruguai ou subiam para o Mato Grosso, também os brasileiros, os argentinos e os uruguaios se movimentavam em busca de melhores condições de vida e trabalho. (OLIVEIRA, 2009, p. 57).

Decorria deste fato a mescla da língua que, fertilizada pelos contatos interculturais, resultava na mistura do guarani com o castelhano, carregada de "pitadas do regionalismo gaúcho", despontando sobretudo devido à "exploração de madeira no Pantanal, nos ervais, nas fazendas de gado, entre outras atividades fronteiriças que utilizavam especialmente o trabalho compulsório de índios e paraguaios" (OLIVEIRA, 2009, p. 56). Neste contexto, o ciclo da erva-mate também vai encontrar um precioso registro dessa temática na obra fundadora de H. Donato (1959); ambientada na região Centro Sul do estado de Mato Grosso do Sul, trata-se de pujante narrativa épica que narra as "dantescas condições de trabalho da região" à época da extração da erva, daí extraindo a seiva para o que a crítica brasileira já caracterizou a obra como "um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil" (LUCAS, 1987, p. 53-54). A história do mundo do mate encontra sua robustez seja nas obras de Serejo e de Donato, seja na própria selva, ambas tema e personagem do "drama do mate", a encontrarem ressonâncias em tantos textos-denúncia da luta do homem com a terra e das histórias de explorados e exploradores. Em passagens pungentes, Donato assim transcreve o dia-a-dia do peão do erval:

> O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a plantilla, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados de comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim. (DONATO, 1959. p. 16 *et seq.*).

* * *

Como vemos, a (re)verificação, seja de perspectivas críticas atuais, seja de obras e autores postos à margem, nas "orilhas", como mostrou Beatriz Sarlo, em *Borges: Um escritor en las orillas*, recém-traduzido no Brasil, permite a rediscussão, hoje, acerca da natureza e funcionamento dos textos dentro de uma ordem e escala de catalogação que obriga levar em consideração questões muito sérias como as que se vêem polemizadas noutra obra crítica, *A república mundial das letras*, de Pascale Casanova, também traduzida no Brasil. Logo, dessa perspectiva, não causaria nenhuma espécie estarmos aqui a tratar de escritores como Hélio Serejo e Hernani Donato, dois escritores sul-mato-grossenses, que, tendo angariado relativa ou maior fortuna crítica, fazem jus à sua apreciação; sobretudo quando, outros críticos e estudiosos do assunto, como os gaúchos Flavio Loureiro Chaves e Guilhermino César, vêm, assim, recolocar a pertinência do lugar, do elemento regional, quer em função de uma abordagem de "periodização e regionalização literárias" ou das "fronteiras da crítica e crítica de fronteiras"[4]. Segundo Chaves, a extraordinária capacidade de renovação de um Jorge Amado,

> [...] se exerceu sempre sobre a sua base regional, o recôncavo baiano, [...]. Residia no acervo lendário e folclórico (às vezes sociológico) da região que o escritor ofereceu à literatura, fosse o naturalismo de *Jubiabá* ou a prodigiosa invenção de Gabriela. Por isso mesmo, Jorge Amado constitui o caso limite do regionalismo brasileiro. (CHAVES, 2006, p. 38).

E Guilhermino César, com perspicácia observou:

> [...] Só pode enriquecer uma literatura essa busca apaixonada do que é típico na sociedade, quando nada, para que a expressão estética represente forças de vida convergentes, construa a autenticidade de dentro para fora, ou seja, buscando o geral e o universal, no homem e suas paixões. Em outras palavras, o regional é o primeiro estágio de toda literatura. Sob pena de cair no despaisamento, no incaracterístico, no formal, nenhuma literatura pode negar as matrizes de que procede o homem que ela traduz e representa. (*apud* SILVA, 2009, p. 161).

Disso resulta o instigante convite à (re)verificação do conceito de regional e regionalismo[5], dentro do que a crítica literária e cultural, hoje, pontua como condição *sine qua non* para uma real apreciação dos textos, nascedoura de sua real representatividade no diálogo e "comércio" alfandegário, que, frequentemente, embaralha o lugar de enunciação vinculado à ideia de fortuna crítica, ainda derivada do agente

[4] A propósito, para uma leitura mais ampliada sobre a questão, remetemos aos ensaios assim intitulados de CARVALHAL, Tania Franco, do livro *O próprio e o alheio* (2003).

[5] Ver: SANTOS, Paulo Nolasco dos. Fronteiras do local: o conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina. *Revista de Literatura, História e Memória*, v. 5, n. 5, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/issue/view/265/showToc>. Acesso em: 26 ago. 2009.

"institucional" enquanto comprometido com todos os seus meios legitimadores, quais sejam, *editoras, críticos, revistas, jornais, televisão, rádio, publicidade direta, prêmios literários e outros*, como salientou outro crítico contemporâneo do porte de Wladimir Krysinski[6].

Quero, ainda, me reportar a duas de nossas narrativas épicas, uma mais recente, de 1993, e outra antiga, de 1955, para mais uma vez fixar a voz desses narradores e seu papel na constituição de uma discursivização sobre a localidade, o regional, objetivo central desta abordagem. A primeira refere-se ao romance *Morro azul*[7], que não só desponta como um texto recente, provocador de "leituras" que fixam a cor local e a ambiência de um tempo reconstituído pela perspectiva da memória da gente pantaneira, mas, particularmente, a meu ver, sugere, originalmente, a existência de um relato que tende a ter larga fortuna e sucesso em nossa literatura sul-mato-grossense. A narradora de *Morro azul*, uma velha senhora, inicia sua narrativa, em pequenos capítulos, meio que em forma de diário, com admirável força motriz dos memorialistas, assim emoldurando o texto:

> Já faz tempo que conheço estas estórias. Mas muito mais tempo faz, que elas aconteceram. [...]. Só os morros permanecem os mesmos, grandes muralhas de pedra, impávidos e perenes à testemunhar a vida. Eles não contam o que sabem e o que viram. As pedras vermelhas foram desenhos geométricos, perfis humanos, grandes carrancas. Aquelas pedras talhadas e rabiscadas confirmam mistérios e segredos. (NANTES, 193, p. 9).

Logo, o leitor perceberá que a narradora situa-se no espaço-tempo da cidade de Aquidauana;MS, conhecida pelos índios Terena pelo nome de "Kali Pitivoko" que significa "pequena cidade", relata a densa e pujante história da formação histórico-cultural, desde a Grande Guerra do Paraguai, o multiculturalismo, a luta e convivência com os indígenas da terra e a migração paraguaia, à época da guerra, acentuando a movimentação e fuga constantes em virtude do conflito e do abandono constantemente presentes. Leiamos dois trechos representativos desta narrativa:

> O monjolo estava quebrado. Uma figueira crescera infiltrando suas raízes na pedra da moenda e quebrara tudo. O chiqueiro vazio só se ouvia o borbulhar do córrego entre as pedras. O mato invadindo tudo, fizera do chiqueiro um viveiro de fedegoso, de caruru e de joá. A ramada de buchas cobria grande parte da cerca de pau-a-pique, completando aquela visão de abandono. (NANTES, 1993, p. 31).
>
> As enchentes do rio regulavam a passagem do tempo, para que ao contar um 'causo' as crianças pudessem explicar

[6] Neste sentido, ver o ensaio "Narrativa de valores: Os novos actantes da *Weltliteratur*", KRYSINSKI, Wladimir de, 2007, p. 1-14.

[7] NANTES, Aglay Trindade. *Morro azul*. Para uma leitura mais específica desta obra, remeto para o ensaio "Retratos femininos de um *Morro azul*", da Professora Maria Adélia Menegazzo, publicado em meu livro *Literatura e Linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul*. Editora UFGD, 2010.

> que o que acontecera, fora antes ou depois da enchente. A invasão do bando de periquitos, matraqueando no pico das mangueiras, mostrava com alarme que o tempo também passava nos quintais. (NANTES, 1993, p. 35).

A outra narrativa, bem mais antiga e de raro conhecimento hoje[8], arrastando o batelão do eterno bandeirismo dos paulistas à região dos Xaráies (Pantanal), relata, entre outras histórias e "causos", o "preamento" de negros fugitivos, foragidos, sobrevivendo escondidos em capões de mato, onde apenas o rastilho de fumaça, que despontava sobre a floresta acabava denunciando sua presença.[9] Viventes e almas ensimesmados, em terras despertencidas, inóspitas e abandonadas, que acabaram configurando os costumes do peão pantaneiro, seu pendor para um humor "atrabiliático", frequentemente associado ao meio, ao estado de insulamento: "Era preciso considerar tanta coisa ao mesmo tempo: as leis do homem, nesse mundo sem leis, as leis da terra na sua expansão atrabiliária, as leis do clima nos seus estonteantes fenômenos de contraste. Quanta cousa!..." (CAMARGO, 1955, p. 34).

E continua sua observação psicológica da personagem protagonista, Jeronimo:

> Dest'arte, quem vive nesse mundo atrabiliário não pode ter confiança, nem no vizinho mais próximo. Só acredita em si mesmo. Às vezes, também confia em seu Deus interior, ou melhor, em sua "*sina*". E porque nada espera dos outros, o pantaneiro pode ser um céptico... Mas, acima de tudo é um fatalista. Joga com a vida como se jogasse com a própria sorte, numa roleta. [...]. E porque reduzido e segregado pelo incomensurável das distâncias, o pantaneiro sentia-se dono de um mundo inabarcável, e, portanto, voluntarioso. Por isso, ninguém pensasse em submetê-lo ao império de um patriarcado. A natureza forjava, assim, o caracter insubmisso, segundo as leis atrabiliárias. (CAMARGO, 1955, p. 36, 37).

Ainda, a este universo tematizado, vem associar-se a presença sorumbática de outra ave "agourenta", o curiango: "A noite baixara como um manto escuro e quente. Céu derramado de estrelas, a faiscar, enquanto um curiango gemia o pio monótono, como alma penada" (CAMARGO, 1955, p. 256). Para, finalmente, associar o estado de alma da personagem Jeronimo à sua condição de pleno abandono, aceitação de seu destino e de ser solitário: "Aquelas aragens traziam-lhe ao cérebro a idéia de um vago universo bonançoso, de frescura, de segurança, de tranquilidade. Em tudo e por tudo, comparável ao das regiões encantadas das fadas..." (CAMARGO, 1955, p. 296).

---

[8] CAMARGO, Rogerio. ...*aquele MAR SÊCO: O PANTANAL*. 1. ed. São Paulo: Cupolo, 1955. 360p.

[9] Em tudo e por tudo, lembra-me o livro *Introdução a uma poética da diversidade*, de Édouard Glissant, em passagem / ideia ilustrativa do conceito de "rastro / resíduo", que diz: "Os africanos, vítimas do tráfico para a Américas, transportaram consigo para além da Imensidão das Águas o rastro / resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens. [...]. Quando fugiram para as matas, os rastros / resíduos que seguiram não supunham o abandono nem o desespero, e nem tampouco o orgulho ou a vaidade de si mesmo" (GLISSANT, 2005, p. 83-84).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. *Revista estudos de literatura brasileira contemporânea*. Literatura e resistência, Brasília, n. 28, p. 112-124, jul./dez. 2006.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAMARGO, Rogerio. *...aquele MAR SÊCO: O PANTANAL*. 1. ed. São Paulo: Cupolo, 1955. 360p.

CARVAHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio* – ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CESAR, Guilhermino. Para o estudo do conto gauchesco VI – o conto gauchesco, de Simões Lopes Neto aos Autores de Hoje. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org. e Intr.). *Notícia do Rio Grande*: literatura. Porto Alegre: IEL/Editora da Universidade/UFRGS, 1994. p. 51-54.

CHAVES, Flávio L. A fronteira da literatura. In: _____. *Ponta de estoque*. Caxias do Sul: Editora Educs, 2006. p.61-69.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DINIZ, Dilma C. B.; COELHO, Haydée R. Regionalismo. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 415-433.

DONATO, Hernâni. *Selva trágica*: a gesta ervateira no sulestematogrossense. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira*: modos de usar. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora. Editora UFJF, 2005.

LINS, José Pereia. *Hélio Serejo... Sublime poema!*. Dourados-MS: Franquini & Santini, 1996.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1987.

MARIN, Jérri R. Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia. In: ABDALA JR., Benjamin; SCARPELLI, M. Fantini (Org.). *Portos flutuantes* – trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 325-342.

MIRANDA, Wander Melo. In: *Ficções do Brasil*: conferências sobre literatura e identidade nacional [coordenação: Marcílio França Castro; colaboração: Ana Martins Marques e Francisco de Moraes Mendes]. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2006. p. 131-169: A arte política de Graciliano Ramos.

NANTES, Aglay Trindade. *Morro azul*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 1993.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. *Nas águas do Prata*: os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

REVISTA CERRADOS. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Literatura e compromisso social, Brasília, Universidade de Brasília, n. 28, 2009. 435p.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local*: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

SEREJO, Hélio. *Contos crioulos*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

_____. *Obras completas de Hélio Serejo*. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul/Gibim, 2008. 9 volumes.

SILVA, Gecieli de O.; SANTOS, Paulo S. N. dos. Sobre Hélio Serejo: o escritor regionalista de *Contos crioulos*. In: *3º Encontro de Extensão e de Iniciação Científica / 2º Encontro de Pós-Graduação*. Ciência no Brasil. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS. 2009. 1 CD-ROM.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. *Paisagens do dom e da troca*: da reinvenção à invenção. Porto Alegre: Literalis, 2009.

ZOKNER, Cecília. Mensu: história e ficção. In: _____. *Para uma crítica latino-americana***.** Curitiba: Editora UFPR, 1991. p. 101-111.